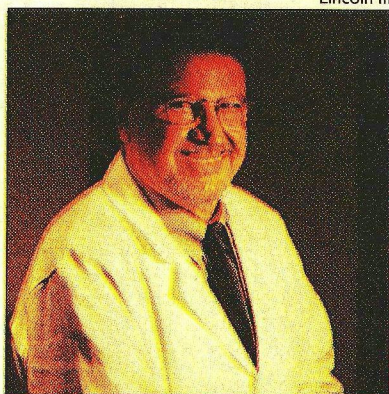


MEDICINA

Eles venceram a anedota - de que a ponte aérea era o melhor hospital de Brasília, criada, como bonomia, pelo velho Magalhães Pinto - e o sensacionalismo com que se explorou a temeridade do comportamento do senador Petrônio Portela - que lhe custou a vida - bem como as cumplicidades que cercaram a tragédia de Tancredo Neves. A medicina e os médicos de Brasília, que em nenhuma dessas situações estiveram em causa - constituem um dos melhores patrimônios da cidade. Resistem a erros políticos, a prioridades equivocadas e ao próprio crescimento de Brasília. Na verdade, a medicina de Brasília expressa sua vitalidade nos seus vários especialistas e em algumas instituições exemplares. Quem as experimentou, e as experimenta no dia-a-dia, dá fé.

Lincoln Iff



IPHIS CAMPBELL

O "desafio do novo", segundo suas próprias palavras foi o que trouxe o dermatologista Iphis Campbell para Brasília, em 1972. Paulista de Mirassol (nasceu dia 30 de setembro de 1946), Campbell fez o curso de Medicina no Rio, onde também se especializou em Dermatologia. Era época do chamado "milagre econômico", mas nas grandes cidades, como o Rio, as oportunidades de trabalho começavam a escassear.

Não foi, entretanto, falta de emprego que tirou Campbell da "Cidade Maravilhosa". Ele veio com a missão de montar e dirigir serviços em dois hospitais recém-construídos, "cheirando a tinta". O Hospital das Forças Armadas (HFA) e o IPASE, que se transformou no Hospital Universitário de Brasília. Brasília, diz Campbell, era um pólo de atração forte, de muitas oportunidades; representava "vida nova". Ele trabalha desde esta época no HFA e atende no consultório particular que mantém no Edifício de Clínicas, sala 208, em frente ao Liberty Mall. Como tantos outros que chegaram e ajudaram a erguer Brasília, cada um em sua área, Iphis Campbell já se tornou um candango.

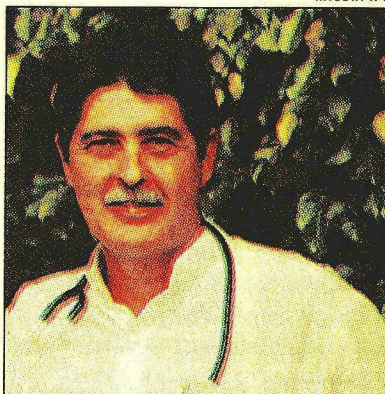
ANTÔNIO MARCELO

Brasília tinha 12 anos de idade — e o Brasil ainda curtia a conquista do tricampeonato do México —, quando recebeu o pediatra Antônio Carlos W. P. Marcelo, gaúcho de Ijuí. Ele, recém-formado e muitos sonhos na cabeça, tinha 25 anos. Chegou no mês de dezembro para fazer residência médica no hospital da UnB, na época instalado em Sobradinho. Na verdade, foi este o motivo que atraiu o jovem Marcelo para o Planalto Central.

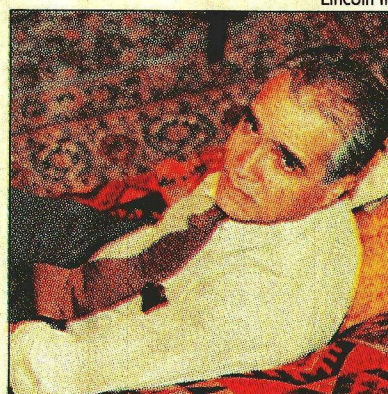
Ela conta que a residência médica em Pediatria da UnB era referência em todo o País. E a oportunidade de iniciar a vida profissional num hospital de qualidade, junto a mestres de reconhecida competência, o empolgava.

Um ano depois de chegar, Marcelo se casou. Tem três filhos e não pensa em sair da Capital. "Já tive convites para voltar, mas declinei", conta o médico, que se sente completamente integrado à vida da cidade, como se aqui tivesse nascido e estudado. Marcelo trabalha na Casa Militar da Presidência da República e dedica parte do expediente para atender clientes no consultório, situado na SHIS QL 4, conjunto 5, casa 1.

lincoln iff



Lincoln Iff



LUIZ RONALDO VIEIRA

A história dos transplantes de rins na capital do país, talvez tivesse sido diferente sem a figura do urologista Luiz Ronaldo Vieira. Em 1982, era ele quem estava lá, chefiando a equipe que fez o primeiro transplante renal no Hospital de Base de Brasília. Começa ali, naquele ano, a história vitoriosa desta especialidade médica que depois se transformou em referência nacional. Em 1982, aconteceu o primeiro transplante de doador vivo, quatro anos depois, de doador cadáver. De lá para cá, são foram mais de 500 transplantes, sendo que em pelo menos 300 deles, houve a participação do Dr. Luiz Ronaldo. Paralelamente ao sucesso obtido no Hospital de Base, Ronaldo Luiz serviu ao Hospital Sarah Kubistchek, onde desenvolveu durante 16 anos um trabalho de ponta com deficientes físicos. Luiz Ronaldo chegou a Brasília em 1966, vindo de Uberaba, em Minas Gerais, para cursar Medicina na Universidade de Brasília. Fez residência médica no Hospital de Base e Pós-Graduação em transplante renal em Paris. Aqui se casou e teve três filhos. Para ele, Brasília significa muito e considera que o futuro da área médica está aqui. "Temos estrutura para praticar aqui medicina de primeiro mundo".

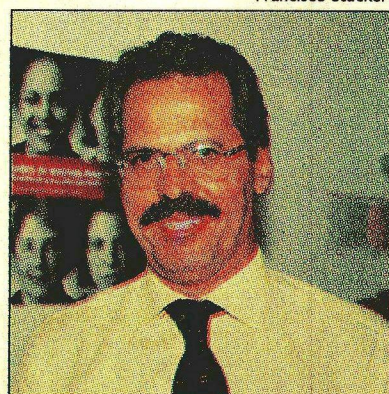
ADELINO AMARAL

O ginecologista e obstetra Adelino Amaral Silva chegou a Brasília quatro anos após a inauguração da capital. Tinha então dez anos e aqui iniciou os estudos que o tornariam uma das maiores autoridades em reprodução humana de Brasília. Adelino cursou Medicina na Universidade de Brasília (UnB), terminando o curso em 1981. Especializou-se em reprodução humana pelo Instituto Dexeus de Barcelona, Espanha.

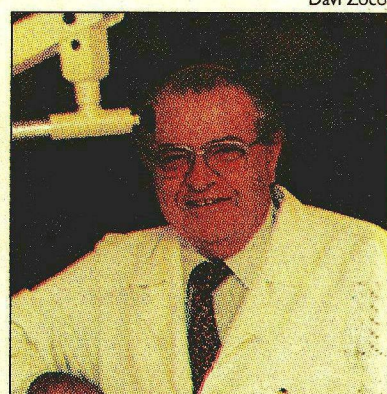
O seu nome e o de sua clínica — a Gênesis — são reconhecidos hoje em todo o País pelo trabalho na área de reprodução. Foi lá, na Gênesis, que nasceram os primeiros gêmeos de embriões congelados no Distrito Federal. (a título de informação: o primeiro bebê de proveta do Distrito Federal nasceu em 1992, três anos, portanto, antes do nascimento dos gêmeos, que hoje estão com quatro anos).

Adelino Amaral é mineiro de Teófilo Otoni. Nasceu no dia 22 de fevereiro de 1954. Os dois — ele e Brasília — se encontraram ainda meninos (Adelino com dez anos e Brasília com quatro). Foi uma parceria vitoriosa em que a cidade forneceu o suporte para seus estudos e ele a orgulha com a sua competência profissional.

Francisco Stuckert



Davi Zocoli



JOÃO EUGÊNIO

A carreira do doutor João Eugênio Gonçalves de Medeiros, oftalmologista com pós-graduações na UFMG, com Hilton Rocha, na Universidade Autônoma de Barcelona na cadeira de oftalmologia (Instituto Barraquer), na Boston-Retina Foundation (EUA), especialização em ultra-sonografia no Hospital Quinze Vingt (França), é longa e não está prevista para encerrar em momento algum. É sua grande paixão.

Não consegue ficar um só dia sem trabalhar. Atende em sua clínica, quase com ambivalência. Tem um espaço no jardim que transformou em ambulatório, para atender aos menos favorecidos; às quartas-feiras realiza cirurgias em carentes e nos fins de semana vai para Luziânia, onde abriu uma filial de sua clínica exclusivamente para as pessoas que não têm possibilidade de pagar um tratamento de olhos.

Faz do estudo e da prática da medicina oftalmológica seu hobby e transmitiu esse amor à profissão aos seus filhos. Dois deles já dividem com o pai a clínica e o amor pela oftalmologia.

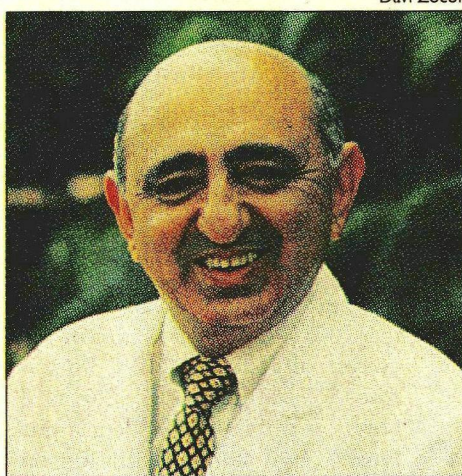
Mas seu entusiasmo não contamina apenas a família. Doutor João Eugênio sempre é procurado por jovens estudantes de oftalmologia, que desejam ser seus estagiários. Tanta dedicação só poderia resultar em enorme sucesso profissional e pessoal.

MEDICINA

BONFIM ABRAHÃO

Em Brasília desde 1964, o médico Bonfim Abrahão Tobias, 57, formou-se na Universidade de Brasília, fez curso de cardiologia em São Paulo e doutorado na sua especialidade na França. Depois de trabalhar no Hospital das Forças Armadas, doutor Bonfim, hoje tem uma clínica no Edifício Paccini (715 Sul). "O coração ainda é o que mais mata no País, seguido da violência, inclusive a do trânsito", diz ele.

Bonfim vê Brasília como uma cidade que está progredindo e que ainda, sem o problemas dos grandes centros urbanos, oferece "um pouco de paz" às pessoas. "Aqui as pessoas ainda podem ter tranquilidade. Costu-



Davi Zocoli

mam ficar em casa e dar mais atenção à família", conta, acrescentando que esses hábitos são benéficos à saúde das pessoas.

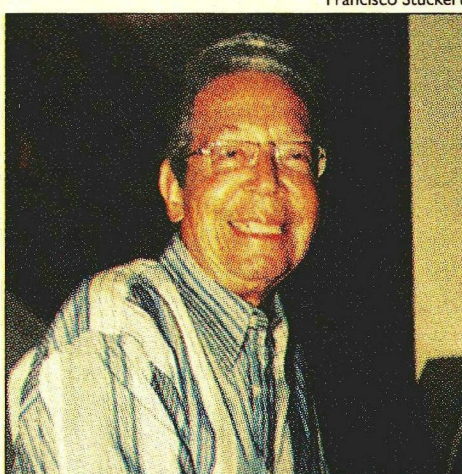
Para buscar uma outra realidade,

de, fora do consultório e longe da violência, Bonfim tem como hobby a literatura e a música. Entre os seus autores prediletos estão Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa. "Já tive meus momentos de entusiasmo", diz ele referindo-se ao piano, instrumento que toca de ouvido e, com pouca modéstia, admite: "Já enganei muita gente". Para ele, não há obstáculo: "toco clássico e música popular. Seus compositores preferidos são Chopin e Vivaldi. Alegre, revela que, ao contrário das pessoas que recorrem aos tranquilizantes via oral, ele se medica com "tranquilizante via auditiva".

OSCAR MOREN

Aos 69 anos, o neuropediatra mais badalado da cidade e membro da Academia de Medicina de Brasília, Oscar Mendes Moren, está escrevendo um livro sobre Pediatria Holística ou multiprofissional, mais exatamente, sobre o que ele fez, ao criar o setor de Pediatria do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Por isso mesmo, ele faz parte da história que começa a contar.

Moren chegou ao HBDF em setembro de 1960. Em quatro meses, foi eleito chefe da Unidade de Pediatria. Como não havia no DF pediatras especializados, transformar a equipe constituída por generalistas em



Francisco Stuckert

sub-especialistas foi o maior desafio de Moren. Logo, ele conseguiu bolsas, inclusive no exterior, para os médicos-residentes que voltavam especializados e acaba-

vam passando nos concursos para as áreas que escolheram.

Com os especialistas, os pequenos pacientes passaram a ser tratados e operados por médicos que entendiam mesmo de crianças, da emergência a neonatologia terciária. Moren juntou à equipe, radiologistas, patologistas e psicólogos; criou o serviço voluntário auxiliar e a primeira "sala de aula hospitalar" do país, onde as crianças podem ser até mesmo alfabetizadas enquanto estão internadas. Foi

Moren ainda quem primeiro permitiu que os pequenos pacientes, de até 4 anos de idade, quando internados, tivessem também a companhia dos pais.



MARINA RABELLO JARDIM

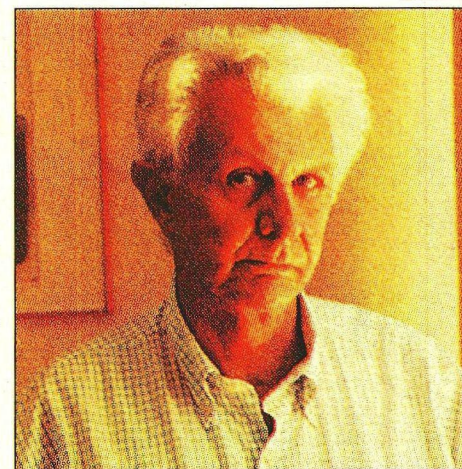
A doutora Marina Rabello Jardim, dermatologista e cirurgiã plástica, com bem-sucedida e brilhante carreira, iniciou seus estudos na UnB. Casada com um diplomata, quando cursava o quarto ano de medicina, teve que morar na China. Era 1974 e a Revolução Cultural acontecia naquele país. Para

continuar seus estudos, teve que, além de aprender chinês, trabalhar em comunas, colhendo arroz, uma vez que todos os alunos da Universidade de Pequim eram obrigados a ter esses serviços em seus currículos. Assim foi durante três anos e meio. Depois desse tempo, mudou-se para Genebra, e estudou

PABLO CHACEL

Mais de 10 mil crianças nascidas no Distrito Federal com certeza chegaram ao mundo pelas mãos do médico e professor Pedro Pablo Chacel, 65 anos, gineco-obstetra de Brasília que já foi conhecido como o "médico dos médicos". Talvez isso explique porque esse carioca, há 32 anos em Brasília, tenha sido o médico mais procurado pelas classes alta e média alta do DF, apesar de ter feito do serviço público sua principal atividade e seja, até hoje, um defensor apaixonado do parto normal.

Pablo formou-se na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1957. Veio para Brasília para dar aula na Faculdade de Ciências da Saúde



Lincoln Iff

de da Universidade de Brasília, atraído por uma nova proposta de centrar o ensino da medicina na formação do médico generalista, com sentido social. Progressista, os

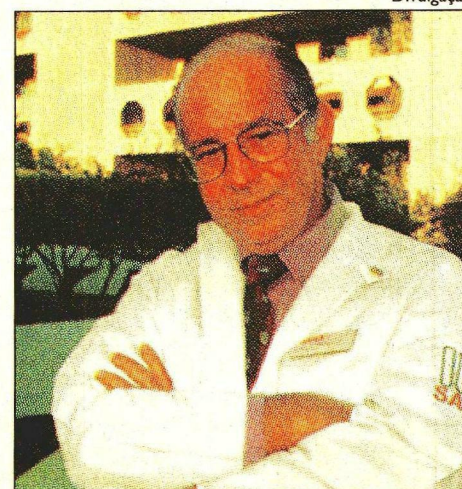
problemas sociais do país sempre o afligiram, ainda que jamais tenha se organizado em partido político.

Em 1972, Pablo foi para a Fundação Hospitalar do DF, onde chefiou a Unidade de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Base e lá organizou o Setor de Alto Risco Obstetra onde cuidava exatamente de "grávidas doentes". O serviço foi transferido posteriormente para o atual Hospital Materno-Infantil de Brasília (HMIB) e Pablo, foi para o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), onde se aposentou em 1991. A partir de então, dedica-se ao Conselho Regional de Medicina (CRM), que já presidiu e continua, agora, como corregedor.

ALOYSIO CAMPOS DA PAZ

O homem que fez o Sarah - planejou, implantou e transformou em referência mundial em matéria de tratamento e pesquisa de doenças do aparelho locomotor - está dando um presente inesperado ao 39º aniversário de Brasília: os centros internacionais de ciência médica estão recebendo nesta semana uma comunicação de Aloysio e sua equipe do Sarah sobre a utilização de comandos cerebrais para comandar próteses ortopédicas que substituem membros amputados. Um extraordinário avanço realizado em Brasília.

Carioca, 65 anos, neto do legendário médico e político Manuel Venâncio Campos da Paz - que liderou o Partido Comunista do Rio na redemocratização de



Divulgação

1947 - Aloysio integrou a primeira equipe médica do Hospital Distrital de Brasília, em 1960, e, já no ano seguinte, assumia a direção d Centro de Reabilitação sa-

rah Kubistchek de que resultaria, em 1976, o grande projeto da atual Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor, junto com o arquiteto João (Lelé) Filgueiras Lima e o administrador público Eduardo Kertesz. Trabalhando dia e noite no Sarah - continua dando consultas no ambulatório, participando de cirurgias e de pesquisas- Aloysio é uma figura chave de Brasília, tanto quanto da excelência do Sarah como hospital público, onde nenhum paciente recebe tratamento desigual, seja rico, pobre, influente ou anônimo. Aloysio sustenta, teimosamente, no Sarah, o princípio da não discriminação de doentes: só há uma medicina e uma categoria de cidadãos.

dermatologia na Uni II, começando com um curso de equivalência. Na volta à Brasília, terminou medicina retomando o curso onde havia parado, fez residência no HDB onde passou seis anos trabalhando, alternando as consultas nesse hospital público com atendimentos em seu próprio consultório. Nova-

mente a diplomacia levou a doutora para morar em New York. Lá, foi trabalhar com o Dr. Ackermann, dermatologista e dermatopatologista, uma referência médica, um inovador nessas duas matérias. Com a bagagem profissional mais ampliada voltou para o Distrito Federal, onde atende em duas

casas de saúde: a São Braz e a Santa Helena. Às quartas-feiras, para proporcionar a todos os que a procuram igualdade e oportunidade de concretizarem um sonho de melhorar a estética, atende aos menos favorecidos, sem qualquer ônus para o paciente, apenas por amor à profissão e ao próximo.